

Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade

Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública

Vilson J. LEFFA
Universidade Católica de Pelotas

Introdução

Este texto é uma reflexão sobre o depoimento de um aluno que não conseguiu aprender inglês na escola pública (narrativa 14). Na minha já longa experiência de vida, tenho ouvido mais queixas de professores que tentam ensinar para alunos que não querem aprender do que protestos de alunos que querem aprender sobre professores que não querem ensinar. Este texto vai refletir sobre os dois lados da história. Parto de minha experiência de vida para comentar o depoimento do aluno, mas também levo em conta o contexto maior da escola, destacando alguns elementos que afetam a aprendizagem. Às vezes, na tentativa de dizer mais com menos palavras, tomo a liberdade de usar algumas metáforas, mas estou sempre voltado para a narrativa do aluno.

Procuro lançar dois olhares sobre o fracasso do ensino de LE na escola: o primeiro, voltado para trás, procurando localizar a origem do fracasso; o segundo, olhando para a frente, tentando vislumbrar possíveis soluções. Entendo que há várias maneiras de ver esse fracasso, desde a criação de bodes expiatórios até a apoteose da carnavalização. A tentativa de criar bodes expiatórios é a mais primitiva: põe-se a culpa em alguém, que pode ser o governo, o professor, ou mesmo o aluno: é

o mundo da condenação que separa pessoas e grupos em inocentes e culpados. Já a carnavalização é o domínio do mundo sem culpa, em que administradores, professores e alunos circulam impunemente da ordem para a desordem e vice-versa. Nada é feito, e tudo fica por isso mesmo.

Olhando para a frente, parto do princípio de que o ser humano é basicamente orientado para atingir objetivos, com base nas suas necessidades, desejos ou pulsões. De algum modo, há uma consciência, construída provavelmente a partir de contatos sociais, que leva o indivíduo à ação. Essa ação pressupõe um objetivo. O segredo do sucesso é entrar em uma comunidade em que esse objetivo possa ser compartilhado.

Teoricamente, abraço a perspectiva da Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1999), baseada em dados, no caso a narrativa do aluno, para daí tentar uma interpretação, usando os aportes que mais bem dão conta dos dados que podem ser pescados dessa narrativa. Faço uma espécie de bricolagem (Kincheloe & Berry, 2007), usando o conceito de carnavalização, com base em Bakhtin (1999) e na dialética da malandragem, de Antônio Cândido (1970), pela relevância que essas ideias apresentam com relação ao tema abordado aqui. Por último, amparo-me também na vertente vygotskyana, tendo por base a teoria da atividade (Leontiev, 1981; Engeström, 1999; Wertsch, 1998; Cole, 2003). Tento misturar todas essas ideias para sugerir que só é possível encontrar uma solução na medida em que estabelecermos uma cumplicidade com o outro, em que criarmos uma parceria entre aluno e professor.

A máscara da aprendizagem

O domínio de uma língua estrangeira não é uma competência que possa ser disfarçada. Podemos fingir sentimentos que não temos e até fazer de conta que compreendemos o que nos dizem, mas ninguém pode fingir que fala inglês ou espanhol. A expressão natural do enunciado na língua estrangeira pressupõe anos de estudo e dedicação, resultado de um conhecimento autêntico que não se adquire de um dia para outro. A língua nos reflete exatamente como somos, não permitindo que nos